O advogado da CCA considera que Portugal pode ter produtos e serviços absorvidos pelo "imenso volume de investimento do mercado chinês"

"Empresas portuguesas devem preparar-se agora para aproveitar oportunidades da China"



Rafael Lomenso, da CCA – Ontier Shanghai
D.R.

01/04/2014 | 10:59 | Dinheiro Vivo

Atualmente num momento de transição, a China viu ser criada, no ano passado, a Zona Franca de Shangai. A medida aponta para uma revolução nos mercados financeiros chineses, que poderá traduzir-se numa livre conversão da moeda, na liberdade dos bancos chineses oferecerem produtos financeiros estruturados que possam ser criados com base em ativos chineses e oferecidos para mercados offshore.

Em entrevista ao **Dinheiro Vivo**, o responsável do gabinete da CCA Advogados – Ontier Shanghai, Rafael Lomenso, salienta que a China está ainda numa primeira fase de um gradual ciclo de abertura económica e financeir. No entanto, o responsável que está presente na China desde o ano passado defende que as empresas portuguesas devem preparar-se agora para aproveitar oportunidades de investimento.

Existem oportunidades de investimento na China? Quais?
O investimento especulativo na China continental sofre ainda de restrições impeditivas para a entrada de capital estrangeiro, pelo que este último restringe-se na sua maior parte ao desenvolvimento direto das atividades comerciais da China. Porém, desde a criação da Zona Franca de Shanghai no fim de 2013 prevê-se a possibilidade, muito em breve, da oferta diretamente ao mercado offshore de produtos financeiros chineses emitidos em relação à ativos gerados dentro da China por instituições financeiras chinesas. Neste contexto, considero ainda que este é 'apenas' um primeiro passo, ou teste, para a abertura gradual do mercado financeiro chinês ao capital estrangeiro e estamos durante 2014 numa primeira fase de um

gradual ciclo de abertura económica e financeira na China, que se pretende realizar nos próximos anos.

De que forma é que as empresas portuguesas podem e devem participar e aproveitar essas oportunidades?
A abertura financeira da China, que está neste momento a ganhar forma, será implementada para ambas as vias, tanto para a oferta de produtos chineses ao mercado offshore como para a criação de vias para o investidor privado chinês tornar-se apto a adquirir, sem restrições de conversão de moeda, produtos financeiros oferecidos por entidades estrangeiras. Não nos encontramos ainda nesta fase de desenvolvimento, mas claramente a legislação aplicável e as políticas chinesas caminham para este objetivo. A oportunidade irá ser real para as empresas que se prepararem durante este ciclo inicial para poderem oferecer produtos e serviços diretamente ao mercado chinês, no momento de abertura do mesmo. Já vemos um movimento de estudo e pesquisa de conformidade à legislação local por entidades de serviço financeiro de jurisdições europeias com mais tradição na oferta destes serviços, principalmente bancos e fundos incorporados na Suíça e no Luxemburgo. As empresas portuguesas que pretendam participar e aproveitar estas oportunidades quando estiverem disponíveis devem preparar-se agora mesmo, de igual forma.

Que sectores poderão beneficiar mais e têm mais margem para crescer nesse mercado?
Creio que os grandes beneficiários da estrutura que está a ser discutida para este mercado, e sob a presunção que o resultado será o atualmente esperado, serão os fundos de investimento constituídos em Hong Kong. Encontra-se em estado avançado de negociação um acordo entre Hong Kong e China continental, prevendo o reconhecimento mútuo de fundos incorporados na China continental e em Hong Kong e a possibilidade de venda de títulos diretamente aos consumidores do outro mercado. Se esta medida se concretizar, alteraria profundamente os produtos atualmente disponíveis para o público chinês e daria o início a uma 'corrida às armas' para a incorporação de fundos na jurisdição de Hong Kong. Estes efeitos já se sentem atualmente, prevendo um eventual requerimento de tempo de estabelecimento no mercado de Hong Kong num eventual acordo pelas duas partes. De modo a beneficiar-se de uma eventual abertura, vemos já neste início de 2014 uma tendência de escolha da jurisdição de Hong Kong como destino para fundos estrangeiros.

E os investidores, como podem tirar partido dessas oportunidades?
Os investidores na minha opinião terão duas vias de novas oportunidades de investimento. Por um lado abre-se gradualmente as portas para o investimento em produtos financeiros e títulos de dívida emitidos no mercado chinês. Por outro lado - e principalmente, creio que serão criadas óptimas oportunidades de investimento em empresas e fundos que estão posicionadas a atacar este mercado no momento de abertura. Devido à procura que representaria uma abertura súbita destes produtos ao investidor privado chinês, os investidores originários desta empresa ou fundo provavelmente serão confrontados com uma rápida valorização de suas participações sociais ou títulos de dívida.

Portugal está no radar da China? De que forma?
Portugal está hoje em exposição na China devido ao programa de permissão de residência para investidores estrangeiros, e sem entrar em discursos sobre o mérito deste programa, serve certamente para gerar notoriedade sobre Portugal ao público em geral, despertando desta forma outros interesses que ficavam anteriormente integralmente ligados a outros mercados europeus.
Em determinados círculos as recentes aquisições chinesas em Portugal também são bem conhecidas e bem vistas pelo mercado.
É certo que até a presente data os investidores chineses mostram alguma aversão ao risco, talvez devido à pouca exposição a este tipo de mercado. Esta situação leva os mesmos a procurar mercados e produtos com menos risco em jurisdições mais tradicionais de investimento. Mas com a abertura do mercado e com o volume de investimentos que pode ser esperado deste mercado, não vejo porque Portugal não poderia ter seus produtos e serviços absorvidos pelo imenso volume expectável de investimento pelo mercado chinês.

Hong Kong foi recentemente considerado o terceiro maior centro financeiro do mundo. É possível que venha a superar a City londrina ou Wall Street num futuro próximo?

Porquê?
Muitas vezes ouve-se que, neste mercado asiático, a Zona Franca é uma demostração que o governo Chinês pretende aos poucos estabelecer Shangai como o centro financeiro asiático em detrimento da posição atual de Hong Kong. Considero plausível que este seja um objectivo a longo prazo, mas à curto e médio prazo este movimento irá certamente fortalecer a posição de Hong Kong como centro financeiro regional. A legislação confiável e propícia para oferta de serviços e produtos financeiros devido à influência britânica e a posição atual como um sofisticado centro financeiro faz com que Hong Kong seja o porto de entrada e saída da China continental, seja actualmente para estruturas societárias seja para o mercado financeiro internacional que começa a desenvolver-se. Porém, ainda mais relevante que a Zona Franca de Shanghai, creio que seja o acordo atualmente em negociação para reconhecimento mútuo de fundos entre Hong Kong e China Continental. Este acordo transformaria, pelo menos num período inicial, Hong Kong como o único ponto de entrada para a comercialização directa offshore de produtos oferecidos por fundos chineses, assim como, único ponto de saída para os vastos depósitos de liquidez privados presentes actualmente na China continental. Esta medida por si só deve provavelmente gerar uma explosão de fundos estrangeiros incorporados em Hong Kong e potencialmente uma das vias para esta jurisdição ultrapassar outros centros financeiros internacionais.